

**HOMENAGEM ao Prof. Dr. MANOEL ISAÚ\***

Amigos do Histedbr:

Faleceu esta manhã (14 de março de 2007), em Piracicaba, o nosso professor e amigo Pe. Manoel Isaú, do PPGE do Unisal - Salesianos - de Americana-SP, membro do GT Americana do Histedbr.

Há aproximadamente quinze dias ele havia sofrido um enfarte, e embora isso não fosse novidade para ele, pois das outras vezes driblou a morte com alguma facilidade, desta vez, o "céu salesiano" requisitou sua presença e ele, obediente como sempre, partiu.

Ainda não temos dados sobre local e horário das últimas homenagens a nosso amigo e professor e tão logo eu as tenha repassarrei à lista.

A seguir, faço uma breve "memória", como breve homenagem aqui na lista.

Desculpem-me antecipadamente a pobreza do relato, que é mais uma memória emocional do que uma resenha histórica.

-----

Para os que não o conheceram, Pe. Manoel era Mestre em Educação, pela PUC- Rio, com o tema "O ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos Salesianos", defendido em 1976.

Pelos compromissos da vida religiosa e acadêmica - por seis anos foi professor na Universidade Federal de Viçosa-MG - somente anos depois teve a oportunidade de retornar ao doutorado, titulando-se em 2000 com o tema "As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação", pela USP.

Sempre salesiano, sempre padre, não deixava de lado uma boa polêmica, sempre se posicionando em favor da escola católica, sem, contudo, perder a capacidade crítica, polemizando principalmente com os historiadores da educação católica e salesiana.

Quem esteve nas jornadas do Histedbr, na Anpedinha e na ANPED, sempre o viu, de público, polemizando e, pessoalmente, cercado das mais variadas pessoas, fazendo perguntas, buscando informações e bibliografia, e, sempre, passando seu entusiasmo com a história da educação.

---

\* Mensagem enviada para a lista de discussão do HISTEDBR em 14 de março de 2007.

Para nós que convivemos estes seis últimos anos cotidianamente com o Pe. Manoel, foi um privilégio aprender que uma pessoa pode ser ao mesmo tempo inflamada e humilde, ter posicionamentos bem definidos e ainda assim ser capaz de ouvir o outro.

Ao mesmo tempo em que sua sala era uma pequena biblioteca de raridades, com João Ribeiro, Primitivo Moacir, Camilo Passalacqua, de outras raridades menos conhecidas no Brasil da literatura de história salesiana e da educação católica, era ainda uma sala em que volta e meia encontrávamos professores, alunos, funcionários, recebendo uma orientação acadêmica - foi o orientador informal de inúmeros tccs de diferentes cursos, pois no apuro os alunos iam atrás dele pedir uma sugestão ou uma bibliografia e ele sempre tinha alguma sugestão, fosse de administração, direito, turismo ou educação, ou ainda simplesmente ouvir o pai, o irmão mais velho, o amigo e o conselheiro, que ele sabia ser, apesar de sua conhecida dificuldade em pronunciar as palavras com calma, dificuldade que desaparecia quando se tratava de uma conversa pessoal e quando se tratava de aconselhar alguém.

Crítico das instituições salesianas e de seu modo de educar, estudioso da história salesiana a ponto de "cutucar" os especialistas italianos no assunto, também viveu, com seu estilo, a regra dos salesianos. Em 2005 tivera já um enfarte - então era o segundo - e muitos previam que não retornaria ao trabalho. Para os que conheceram o Prédio do Divino Salvador, na III Jornada do Histedbr em Americana, a sala dele ficava no segundo piso, após dois lances de longa escada. Como Coordenador, eu era também seu "superior" e embora a comunidade salesiana insistisse para ele se aposentar, ele veio ter comigo para dizer que queria continuar trabalhando no Mestrado, "desde que não nos atrapalhasse".

Eu o proibi terminantemente de subir as escadas, avisei ao Diretor-Geral dos salesianos em Americana que providenciaria uma sala para ele no térreo e tudo se arranjaría. Em quinze dias de trabalho, ele já estava animado, subindo para o segundo piso...

Quando me deparei com a "desobediência", perguntei brincando onde estava sua fidelidade ao voto :) Ele me respondeu que o ajudasse a cumprir o final de sua vocação salesiana, que era o de morrer trabalhando pela educação dos jovens.

Neste ano de 2007 ele havia assumido a disciplina de Metodologia da História da Educação e preparava as aulas que se iniciaram em fevereiro.

Na quarta-feira ministrou a primeira aula e na sexta-feira seguinte teve o enfarte que finalmente o levou.

Ainda naquela sexta-feira ele estava no Campus Maria Auxiliadora, onde tínhamos nossa reunião regular do corpo docente do Mestrado, ele chegou cedo, sentiu-se mal e dirigiu-se ao hospital. Tal como ele desejava, sua última atividade foi mesmo o trabalho, que no sistema salesiano é um princípio pedagógico e na espiritualidade salesiana, o sinal de amor aos jovens.

Pessoalmente, estou muito triste, pois sempre que chegava no Mestrado tinha a certeza de encontrá-lo, de conversarmos um, dois minutos ou três horas, seja lendo juntos alguma passagem que ele estivesse estudando, nós dois polemizando sobre alguma dúvida sobre a educação na Primeira República, ou alguma passagem menos conhecida da vida de Dom Bosco, ou, meu esporte

favorito, eu discordando do Cardeal Ratzinger e ele defendendo o Papa Bento XVI (afinal, um salesiano sempre defende o papa!). Com idade para ser meu pai, muitas vezes se dirigia a mim como se fosse meu aluno. Não tinha orgulho para pedir ajuda naquilo que não sabia fazer ou naquilo que precisava aprender. Sempre quis aprender, sendo a informática sua mais recente paixão.

Com sua tradicional dificuldade em falar, escrevia. Seja no jornal local, onde tinha sua coluna, seja em pequenos bilhetinhos, com uma mensagem religiosa ou moral, que semanalmente fazia e distribuía a quem encontrasse no campus. Se de início eles eram vistos com alguma ironia, aos poucos passaram a ser procurados e o que se ouvia era adultos barbados pelos corredores indo atrás dele como crianças: "Pe. Manoel, cadê meu bilhetinho?"

Ele fará falta, porque era o educador de estilo salesiano, não era e não precisava que fosse perfeito - pois não era um jesuíta - bastava que fosse bom, bastava que de algum modo, se fizesse querido pelas pessoas.

E isso ele fez e muito bem, sem ocultar suas imperfeições, sem escamotear ou ser hipócrita em relação aos seus defeitos, mas cativando a todos por sua honestidade e sinceridade.

Senti já nesses quinze dias sua falta, ao passar por sua sala e vê-la fechada, de ele não me chamar para mostrar alguma raridade bibliográfica que tenha encontrado. Pela experiência, sei que com o tempo vou sentir ainda mais sua falta, porque a gente sabe que se a dor aguda da perda passa, em seu lugar vai se instalando uma outra, mais imperceptível porém sempre presente, que é a do silêncio da ausência.

Coincidentemente, na próxima semana irei a Turim, e entre os trabalhos acadêmicos, estão previstas algumas visitas a locais da história salesiana, como o primeiro oratório, o primeiro colégio, a casa de Dom Bosco, onde ele nasceu etc... Se D. Bosco estivesse vivo eu poderia lhe dizer: - Ah, eu já te conheço, pois convivi muito tempo com o Pe. Manoel...

A todos os amigos do HISTEDBR agradeço o carinho, a atenção e a amizade que tiveram para com ele e peço aos que o conheceram que guardem na lembrança os bons momentos que tiveram com o Pe. Manoel.

Do hospital, ele me mandou um último "bilhete", que compartilho com vocês:

*Os Sete Sapatos Sujos (de Mia Couto)*

1. *A idéia de que os culpados são os outros*
2. *A idéia de que o sucesso não nasce do trabalho*
3. *A idéia de que quem critica é nosso inimigo*
4. *A idéia de que mudar as palavras muda a realidade*
5. *A vergonha de ser pobre e o culto das aparências*
6. *A passividade perante a injustiça*
7. *A idéia de que, para sermos modernos, temos que imitar os outros*

Tudo o que posso dizer é que, se há um céu, ele entrou lá de pés limpos...

Paulo de Tarso Gomes  
Coordenador PPGE/Unisal/GT Americana-SP